

## O diálogo sonoro como prevenção contra a intolerância religiosa

Artur Costa Lopes<sup>1</sup>

Luciana Viana Neves<sup>2</sup>

**Resumo** Este artigo busca apresentar algumas reflexões a respeito do grupo de estudos *Templo Cultural*, que parte da questão sonora como ligação entre as diferentes crenças existentes no distrito de Xerém, em Duque de Caxias (RJ). A partir da análise dos encontros, percebeu-se que compreender as diferenças pode ser fundamental para o respeito mútuo. Seu referencial teórico é composto pelas ideias de Paulo Freire sobre diálogo e de Murray Schafer a respeito da paisagem sonora. Assim, através da pesquisa-ação, procurou-se encontrar possíveis respostas para dois questionamentos: É possível prevenir a intolerância religiosa a partir do diálogo sonoro? Qual o papel da paisagem sonora no diálogo inter-religioso?

**Palavras-chave:** Diálogo inter-religioso; diálogo sonoro; intolerância religiosa.

### 1. Introdução

Em outubro de 2014, foram realizados convites para a formação de um grupo de estudos com o objetivo de investigar as relações existentes entre música e religião<sup>3</sup> nas diferentes crenças em Xerém. Esse começou a ser constituído pelos seguintes membros: católicos, presbiterianos, quimbandeiros e candomblecistas (Jeje).

Nos primeiros encontros a impressão dos participantes foi de que a música possuía um lugar especial nos ritos, independente da religião, podendo atuar como mecanismo de explicação do mito, divulgar a fé, atrair fiéis, ser um tipo de ligação entre os antepassados ou forças supremas e expressar sentimentos.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Musicologia, PPGM – UFRJ. Lopes193745@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Geografia, PPGG - UFRJ.

<sup>3</sup> O termo religião não se ajusta a todas as crenças apresentadas, porém, optou-se “generalizar” visto o curto espaço do artigo.

Desta maneira, o elemento musical pode ser entendido como indispensável para a organização da maioria dos rituais, porém, também pode ser manipulado para diferentes fins, como demonstra Attali (1985). Isto foi percebido durante as gravações de campo e nos debates entre o grupo, uma vez que trouxe aos debates a “violência” como um elemento a ser estudado, direcionando o foco para a intolerância religiosa<sup>4</sup>.

Após conseguir espaço para as reuniões<sup>5</sup>, quando o grupo começou suas atividades os objetivos ainda não estavam definidos, visto que, a proposta era que as “metas” fossem construídas por todos, bem como as metodologias para o estudo. A única prerrogativa era que o grupo fosse composto por membros de diferentes religiões e partisse da paisagem sonora em suas análises.

Como consequência, o grupo objetivou refletir sobre os conflitos entre religiões no distrito analisado, que são motivados, entre outras circunstâncias, pela falta de conhecimento do credo alheio. Desta forma, buscou-se compreender como a música pode contribuir para a tolerância religiosa.

A base teórica teve a contribuição de três autores: Murray Schafer, criador do termo *paisagem sonora*, pertinente para o grupo entender fatores internos e externos do espaço religioso; Paulo Freire, que em seus estudos procurou interpretar a educação como meio para a transformação do ser humano na sociedade, tendo como ferramenta, o *diálogo e a práxis*; Samuel Araújo, etnomusicólogo brasileiro criador do conceito de *trabalho acústico* e que desenvolve um trabalho de pesquisa-ação participativa na comunidade da Maré relacionando música e violência.

Essa literatura deu suporte para o entendimento de como o som pode ser utilizado para se compreender melhor o espaço religioso e como esse

---

<sup>4</sup> Além das observações, reportagens divulgam frequentemente esse assunto. Alguns exemplos que ocorreram durante a pesquisa podem ser observados em:  
<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-06-16/intolerancia-religiosa-leva-menina-a-ser-apedrejada-na-cabeca.html>  
<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1648607-a-cada-3-dias-governo-recebe-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa.shtml>

<sup>5</sup> As reuniões são realizadas no CPH, um espaço cedido pela igreja católica, entretanto, por vezes nos reunimos na casa de uma das participantes.

pode ser debatido, de forma crítica, dialógica e horizontal com a finalidade de produção de conhecimento e transformação social.

## **2. Metodologia**

Para a concretização do objetivo mencionado, algumas metodologias foram executadas. As principais foram: exibição filmes seguido de debates; entrevistas a convidados; execução musical em grupo; debates sobre textos acadêmicos e reportagens; confecção de um questionário sobre as práticas de cada templo; revisão das instrumentações mais utilizadas; análise sobre os textos e músicas dos repertórios; visitas a outros locais e eventos.

Esta metodologia é passível de alterações durante o percurso, uma vez que o conhecimento produzido não é estático, havendo reflexão a partir da prática participativa dos envolvidos na pesquisa, com intenção de criar diálogos entre os sons produzidos nos templos religiosos e as falas dos moradores de Xerém, algo que ainda não foi explorado nessa localidade.

Como este artigo não comporta a descrição de todas as atividades do grupo foi realizada uma metodologia exclusiva para esse recorte. Sendo ela: transcrição e análise das gravações dos encontros realizados; revisão de literatura em diálogo com os membros; visitas a diferentes templos de Xerém; pesquisa-ação.

Sobre o último tópico vale ressaltar que, de acordo com Kincheloe, essa estratégia é uma “extensão lógica da Teoria Crítica que fornece o aparato para a espécie humana ver a si mesma” (KINCHELOE 1997. p.186).

O grupo de estudos identifica-se com a pesquisa-ação crítica<sup>6</sup>, visto que ela toma forma apenas depois que o grupo de estudos se formou. Também se assemelha com a pesquisa-ação participativa, esta que existe em vários formatos e modalidades e pode ser encontrada em diferentes áreas do conhecimento (THIOLENT, 2008) inclusive na etnomusicologia, que vem apresentando pesquisas significativas sobre esse viés.

Sendo assim, o tipo de relação estabelecido entre as pessoas, é a de participação ativa como co-pesquisadores e co-autores, uma vez que as

---

<sup>6</sup> Segundo Franco (2005) ela ocorre quando a transformação é percebida inicialmente pelo pesquisador com o grupo, construída pela reflexão da experiência, buscando evitar as opressões percebidas pelo grupo.

questões e as perguntas da pesquisa são definidas e formuladas por eles, que também decidem as estratégias de investigação e métodos a serem adotados e, analisando os dados obtidos podem encontrar respostas adequadas às suas perguntas. Os pesquisadores “profissionais” assumem o papel de mediadores e facilitadores dentro de um processo de reconhecimento mútuo horizontal e de aprendizagem (CAMBRIA, 2012).

### 3. Análises e Discussões

Antes de apresentar os debates sobre intolerância religiosa e diálogo sonoro, o tópico a seguir busca situar Xerém no cenário histórico-religioso do Rio de Janeiro, bem como apresentar alguns aspectos do município onde está situado, a fim de que possa se compreender melhor o ambiente em que a pesquisa é realizada.

#### 3.1. Área de estudo

A temática em destaque deste trabalho tem como área de estudo um dos distritos do município de Duque de Caxias<sup>7</sup>/RJ, localizado na Baixada Fluminense<sup>8</sup>.

O lugar hoje conhecido como Xerém (figura 1) foi se consolidando a partir do século XVIII em virtude de viajantes que faziam o percurso Rio de Janeiro – Minas Gerais, pararem em fazendas, sítios e chácaras para repousar. Local de clima agradável e de grande volume de água tinha produção de açúcar, aguardente para exportação, farinha e alimentos para consumo interno e interprovincial<sup>9</sup>.

Uma das primeiras igrejas construídas foi, a capela de Santa Rita da Posse em 1768, que estava situada na propriedade que foi do Capitão-Mor Francisco Gomes Ribeiro. Porém, antes da construção desta existia o

---

<sup>7</sup> Duque de Caxias é o 3º maior município do estado do Rio de Janeiro (em termos populacionais) aproximando-se à faixa dos 900.000 habitantes de acordo com o censo do IBGE de 2010. Dividido em quatro distritos, de acordo com o *site* do Ministério do desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e ele é o 3º maior exportador do Brasil, possuindo um setor comercial bastante diversificado e grandes polos industriais.

<sup>8</sup> O termo, Baixada Fluminense, refere-se à região do estado do Rio de Janeiro que possui terras baixas e litorâneas, tendo como municípios: Duque de Caxias, São João de Meriti, Magé, Nilópolis, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Mesquita, Paracambi, Queimados e Seropédica.

<sup>9</sup> <http://www.museuvivodosaobento.com.br/exposicoes/xerem-lugar-de-memoria>

oratório de Santo Antônio no mesmo local. Segundo Cheren (2005) a ampliação desse espaço religioso ocorreu provavelmente pelo tamanho pequeno e pouco durável, o que exigia a construção de uma nova e maior capela que pudesse atender aos convidados nos casamentos, batismos e a todo o povo daquela região na celebração das missas.

No século XX, após a instalação da Fábrica Nacional de Motores (FNM) em 1942, as fronteiras expandiram-se (SOUZA, 2002). Assim, outros “templos” se formaram em regiões próximas ao 4º distrito de Duque de Caxias. No caso do candomblé, vale ressaltar que, a partir dos anos 40, por conta da repressão do Estado, três das quatro casas existentes, foram fechadas, forçando seus líderes e integrantes a migrarem para o subúrbio carioca e Baixada Fluminense, sendo que uma delas foi construída no mesmo Distrito que o artigo se refere, como afirma Roberto Canduru:

Além do Opô Afonjá, em Coelho da Rocha, e das comunidades de Meninazinha d’Oxum, em São Mateus, e de Regina Bamboxê, em Raiz da Serra [Santa Cruz da Serra/ Parque Eldorado], José Flávio Pessoa de Barros refere-se a outras comunidades entre as “muitas outras fundadas a partir da tradição dessas comunidades iniciais”: “a casa-de-santo de Pai Ninô em Camari, Nova Iguaçu; a de mãe Dila, filha de Cipriano Abedé, em São João de Meriti (CANDURU, 2010)

Com o passar dos anos outras casas espíritas<sup>10</sup> foram se instalando em Xerém, juntamente com inúmeras igrejas protestantes<sup>11</sup>, a exemplo da primeira igreja batista em Mantiquira, organizada em abril de 1968. Segundo seu sítio eletrônico<sup>12</sup>, ela iniciou seus trabalhos através do Pastor Norival Franco, empreendendo difundir o Evangelho na região.

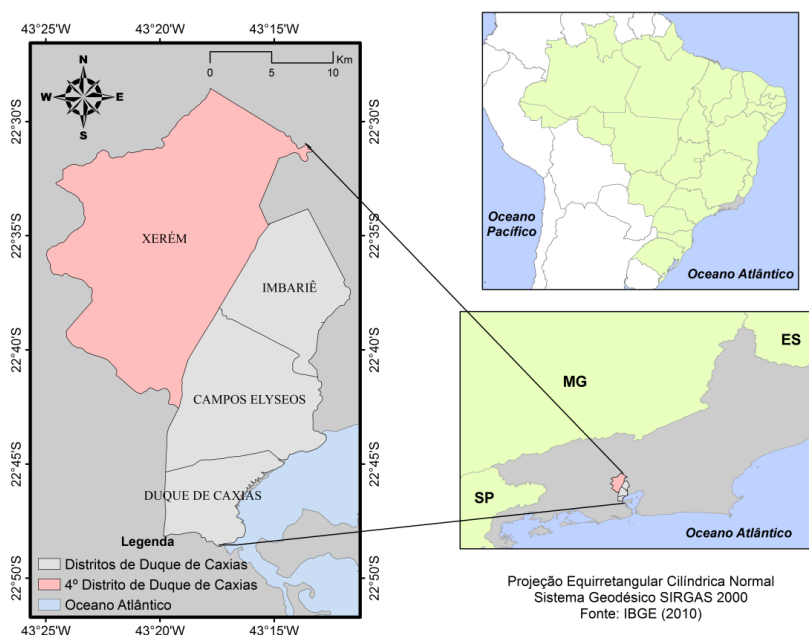
---

<sup>10</sup> Segundo o mapeamento preliminar (2014) foram descritas as seguintes denominações (sem discriminar ramificações existentes como, por exemplo, no caso do candomblé, as nações): candomblé, umbanda, quimbanda e kardencismo.

<sup>11</sup> Sem a pretensão de realizar distinções entre protestantes, evangélicos, pentecostais ou neopentecostais, vale ressaltar que esse grupo cristão constitui o maior número de fiéis em Xerém, todavia, ainda não foi realizado, pelo grupo *Templo Cultural* um apanhado histórico mais aprofundado dessas igrejas, podendo, portanto possuir outras mais antigas, o que será averiguado num trabalho posterior.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://pibxerem.weebly.com/>

O dinamismo cultural, fez com que essa sociedade, principalmente em suas áreas urbanas, tivesse que conviver com essas diferenças. Todavia, observou-se que o cristianismo (principalmente os evangélicos pentecostais), além de possuir mais locais para suas práticas religiosas, recebe apoio de setores ligados à política, reforçando sua autoridade perante as outras crenças.



**Figura 1: Localização do 4º Distrito de Duque de Caxias (Xerém)**

### 3.2. Diálogo Sonoro

A questão central que gerou este artigo foi: como o elemento sonoro pode servir de instrumento para prevenir a intolerância religiosa? Para encontrar pistas de respostas foram utilizados alguns conceitos, a fim de dialogar com as vozes dos membros do grupo de estudos *Templo Cultural*.

O conceito de paisagem sonora<sup>13</sup> pode ser entendido, resumidamente, como qualquer porção do ambiente que possui som, seja real ou construção abstrata, que possa servir como elementos para a composição musical.

<sup>13</sup> O conceito de paisagem sonora surgiu nos anos sessenta, pelo canadense R. Murray Shafer, iniciando as primeiras pesquisas sobre ecologia sonora, formando, com outros pesquisadores, o *World Soundscape Project*, tendo como principal objetivo estudar o ambiente sonoro.

Porém, este também está ligado à paisagem social<sup>14</sup>, visto que os dois podem caminhar juntos, pois a interação entre o ser humano e seu contexto pode trazer significância e apreensão real, por parte de quem está inserido nele (FREIRE, 1996). Nesse caso, as relações de pertencimento do indivíduo, com seu meio, podem estar presentes através do som.

Segundo Samuel Araujo, com relação à pesquisa etnomusicológica, pode ser necessário abordar outros aspectos que estão nas “entrelinhas dos textos”, dessa forma, “reconhecer o caráter de trabalho “por trás” das diversas práticas musicais nos parecia, tem sido até hoje e continua sendo, direta ou indiretamente, objeto de estudo da etnomusicologia” (ARAUJO, 1999. p. 7).

Preocupado com essas questões, o autor, expandindo a ideia de Schafer, apresenta o termo *trabalho acústico*<sup>15</sup> como uma alternativa de se evitar estereótipos sobre música. Ou seja, a análise, simplesmente “musical”, pode ser vaga dificultando uma investigação mais profunda em seu contexto.

Esta concepção, apesar de ainda não ter sido estudada pelo grupo, faz parte do arcabouço teórico da metodologia dessa pesquisa, pois não tem a intenção de ser apenas um trabalho acadêmico, mas algo que tenha significância social para todos os envolvidos.

Nos primeiros encontros a interação através da música foi mais visível, servindo como estratégia para que os períodos de “silêncio significativo” (FREIRE, 1981) dessem lugar à participação de todos e que eles não se sentissem retraídos por ainda não se conhecer<sup>16</sup>. Assim, foi proposto que os músicos levassem instrumentos aos encontros e os que não eram, participassem cantando e levando algum repertório para que fosse executado em conjunto. Essa performance musical inter-religiosa

---

<sup>14</sup> Esse termo foi utilizado como alusão ao conceito de paisagem sonora, transposto para a organização social que compõe a vida do aluno.

<sup>15</sup> Samuel Araújo encontra na filosofia da linguagem de Ferruccio Rossi-Landi (1985 [1968]) pistas para respostas às perguntas que foram realizadas de forma crítica sobre como a história da música brasileira foi construída (evolucionista e elitista). O autor, de inspiração marxista, discute a linguagem como uma categoria específica de trabalho humano, por ele denominado trabalho linguístico.

<sup>16</sup> Embora alguns membros dissessem que este silêncio também aconteceu porque muitos queriam ouvir o que os outros tinham a dizer, não se tratando, exclusivamente de medo ou receio, como todos sabiam que era um espaço inter-religioso e que conseqüentemente existiriam conflitos de ideologias.

proporcionou algumas reflexões que foram desenvolvidas em momentos posteriores.

Uma delas está relacionada à utilização de elementos (musicais/textuais) que estão presentes em todas as religiões que fazem parte do grupo, onde, destacam-se ritmos em comum, textos que buscam a comunicação com Deus através de elementos do cotidiano ou da natureza e utilização de instrumentos que permeiam as diferentes religiões, como, por exemplo, o atabaque.

Sobre gênero musical, observou-se que o forró<sup>17</sup>, (porém definido por três membros como baião), é o principal elemento dos “corinhos de fogo” pentecostais, faz parte de inúmeras formas de se interpretar músicas católicas (principalmente através de palmas) durante as missas e é conhecido como catimbó, na quimbanda, além de ser componente de muitos toques do candomblé. Além disso, algumas músicas executadas nos encontros permeiam os repertórios, como é observado no caso de *Maria Maria*<sup>18</sup> e *Vem cá, vem ver*<sup>19</sup>.

Uma das explicações refere-se à quantidade de nordestinos que foram para Duque de Caxias em meados do século passado (SOUZA, 2002) compondo diferentes templos e trazendo suas tradições, como a utilização constante do pandeiro em igrejas pentecostais. (LOPES, 2014).

Em outro momento o grupo passou a analisar os repertórios através de eixos temáticos. Primeiramente foram sugeridas músicas relacionadas à oferta. Percebeu-se que agradecimento e oferta não se diferenciam no candomblé, dessa forma, as cantigas (*orôs*) de prece (encantamentos), não poderiam ser analisadas nos mesmos termos que nas religiões cristãs, onde se observou - através das análises de algumas letras e das falas dos membros - que os cantos de “ofertório” estão mais relacionados à doação e entrega do que agradecimento.

---

<sup>17</sup> Segundo Santos alguns elementos que compõe o que é popularmente denominado forró são: baião Gonzaga xote, coco, xaxado, arrasta-pé, rojão, entre outros. (SANTOS, 2012)

<sup>18</sup> Composição de Milton Nascimento, que segundo membros da quimbanda foi composta em homenagem a entidade Maria Mulambo, porém, que entre os católicos é conhecida como uma das homenagens a figura de Maria de Nazaré, mãe de Jesus, além de possuir outras interpretações.

<sup>19</sup> Esse “corinho de fogo” de Edinaldo Rio, é originário dos cultos pentecostais, porém, nas comunidades católicas de Xerém e em diversas de Caxias, é entoado com bastante frequência.



Outra reflexão gerada pelo grupo está ligada ao relacionamento entre as religiões, suas formas de interação, imitação, cooperação, competição e sincretismos. Nesta discussão foi relatado que em uma das igrejas católicas de Xerém, tem um músico do ministério de louvor<sup>20</sup> (permanente da Igreja) que é evangélico (Metodista).

Isto relativizou a imagem de que muitos evangélicos, não se “misturam” nas atividades das igrejas católicas. Apesar de não ser um caso isolado dentro do meio musical, onde já foram observados músicos que atuam tanto no meio “secular” quanto no religioso, foi uma surpresa, já que ele não só pertencia ao ministério, como também era bem atuante.

### 3.3. Intolerância religiosa

Casos de intolerância religiosa no mundo têm sido apresentados com frequência nos noticiários<sup>21</sup>. Dois exemplos recentes dessa realidade no Brasil foram: uma menina iniciada no Candomblé que foi apedrejada por evangélicos em Junho de 2015<sup>22</sup> e uma aeromoça mulçumana<sup>23</sup> que foi agredida com um soco de um homem após ser agredida verbalmente de terrorista em pleno centro da cidade do Rio de Janeiro – esta ocorrência foi divulgada em Agosto de 2015 e o relato é apresentado a seguir:

Fui fazer exame médico e notei que uma pessoa me seguia. Ele parou atrás de mim, começou a me xingar e a dizer que odiava terroristas. Fiquei quieta, pois não sou terrorista. Quando o sinal abriu, ele me puxou pelo braço, repetiu que odiava terrorista e me deu um soco no rosto. Saí correndo como louca, sem olhar para trás. Se às 7h, com toda aquela gente

---

<sup>20</sup> Grupo que executa canções durante os ritos nas igrejas, podendo, também, atuar fora delas.

<sup>21</sup> De acordo com a EBC Agência Brasil, quase mil casos de intolerância religiosa foram registrados pelo Centro de Promoção da Liberdade Religiosa & Direitos Humanos (Ceplir) no estado do Rio de Janeiro, em dois anos e meio. Entre julho de 2012 e dezembro de 2014, foram registradas 948 queixas. As denúncias envolvendo intolerância contra religiões afro-brasileiras totalizaram 71% dos casos. Os dados estão em um relatório preliminar divulgado hoje (18) pela organização não governamental Comissão de Combate a Intolerância Religiosa (CCIR), em audiência pública na Assembleia Legislativa do estado (Alerj)<sup>21</sup>. EBC Agência Brasil em 18/08/2015. Disponível em <http://intoleranciareligiosadossie.blogspot.com.br>. Acessado em 2/09/2015.

<sup>22</sup><http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/06/menina-iniciada-no-candomble-e-apedrejada-na-cabeca-por-evangelicos.html>

<sup>23</sup><http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-08/mulcumanos-estao-entre-principais-vitimas-de-intolerancia-religiosa>

na rua, ele fez isso, não gosto de imaginar o que faria se eu reagisse ou respondesse<sup>24</sup> (VILLELA, 2015)

Apesar dos poucos casos de intolerância religiosa presentes no contexto de Xerém, esse foi um ponto muito comentado nos encontros do grupo, visto que o Rio de Janeiro, exemplificado na reportagem acima, tem sido palco de diversos tipos de violências por conta das diferenças entre as crenças, sendo divulgadas pelas mídias e por diversas comunidades religiosas.

Segundo Bobbio (1992) o significado histórico para a noção de tolerância deriva do cisma entre católicos e protestantes no século XVI, fato que fez com que os Estados europeus formassem leis a respeito da religião (liberdade e tolerância) (BOBBIO in MARIANO, 2007). Essa atitude ocorreu, pois, não havia mais como sustentar as oposições dentro do próprio cristianismo, após setecentos anos de domínio romano em grande parte da Europa ocidental. Assim, esse autor apresenta três razões de ordem prática por meio das quais a tolerância foi defendida ao longo do tempo:

1 – A tolerância pode ser vista como “mal menor ou necessário”, com base no cálculo de que “se me atribuo o direito de perseguir os outros, atribuo a eles o direito de me perseguirem” e na percepção da ineficácia do uso da força para fazer a verdade triunfar.

2 – Pode significar a escolha do método da persuasão, numa recusa consciente da violência, revelando, assim, uma atitude de confiança na razão ou na razoabilidade do outro.

3 – Pode se basear no dever moral de respeito à liberdade do outro, ao reconhecer o direito de todo homem a crer de acordo com sua consciência, tendo como pressuposto que o outro deve chegar à verdade por convicção íntima e não por imposição. (BOBBIO in MARIANO. 2007 p. 120-121).

De acordo com Mariano, a tolerância religiosa pode conviver com a discriminação religiosa e, esta pode ocorrer, não importa se com mais ou menos frequência, num contexto de liberdade religiosa (MARIANO, 2007). Ou seja, quando as diferenças são respeitadas a tolerância é mais visível na

---

<sup>24</sup> EBC, 22/08/2015 disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-08/mulcumanos-estao-entre-principais-vitimas-de-intolerancia-religiosa>

sociedade. O assunto se torna mais delicado nas crenças onde é necessário expandir a fé, fazendo o outro aceitá-la para ser considerado “liberto”. Deste modo, não é por acaso que Bobbio atribui o significado histórico para a noção de tolerância, afirmando que ela deriva do cisma entre católicos e protestantes no século XVI, fato que fez com que os Estados europeus formassem leis a respeito da religião (liberdade e tolerância).

Porém, os limites entre a crítica negativa (ou discriminação) e a intolerância podem ser difíceis de ser classificados. O grupo debateu de forma preliminar, casos vivenciados, que podem ser classificados tanto como crítica quanto intolerância, sendo que os mais citados foram com relação à violência sonora.

Católico 1: Em Xerém existem exemplos de crítica religiosa ou intolerância?

Católico 2: Então, a outra coisa que eu tinha visto era a questão do som (...) tem algumas igrejas que não tem essa preocupação ou de retrain o som, ou de isolar, às vezes não tem uma condição financeira pra isolar o som, mas aí não tem ou não quer ter a percepção de que está incomodando a vizinhança, isso eu também percebo em Igrejas católicas mas normalmente as igrejas católicas de Xerém são um pouco maiores, ou não tem aparelhagem suficiente para causar esse incômodo então o som que é gerado não atrapalha tanto, mas em dias de festa não. Aqui na Matriz eu tenho isso como exemplo, em dias de festa a vizinhança toda escuta querendo ou não seja por fogos, som alto.

Católico 3: Lá em Santa Alice do portão da minha casa eu consigo ouvir o som da Igreja, eu moro perto, porém são uns 700 metros...

Católico 1: Mas isso pra vocês motivaria uma intolerância?

Católico 2: não, mas é passível de crítica pra quem não tá a fim de ouvir aquilo ali.

Católico 1: mas aí é que entra a diferença entre acrítica da intolerância religiosa, é isso que eu to...

Católico 2: Não, por isso que eu tô comentando, isso é uma forma de violência, pra mim, mas assim é muito comum hoje, assim como um carro comum correndo, esse negócio aqui [videokê ao lado],

Católico 4: sempre tem uma moto tatatatata (risos)

Católico 2: Eu sei que estou sendo extremista, mas eu tô dizendo assim, infelizmente, ou felizmente, não sei, já virou uma coisa do nosso cotidiano,

muito som, barulho (...) Mas eu acho um tipo de violência que pode gerar intolerância ou não

Católico 4: Dez horas da noite gritando “vem irmão”...

Católico 2: Fora quando é em praça pública. Na praça da Mantiqueira quase todo final de semana tem um evento ali, evangélico né?

Católico 3: É, volta e meia tava tendo ali. Na praça da Vila mesmo, só que tipo assim, o pessoal fez uma rodinha, pegava o violão, sem som mesmo, voz e violão, então eles ficavam ali, o espaço é público mesmo, é uma reunião deles, então eu acredito que não incomodaria muito. Agora uma caixa de som apontada para uma casa, uma bateria...

Católico 2: isso [sobre volume alto] às vezes acaba sendo cultural de algumas igrejas evangélicas né? Cresceu naquele ambiente...

Candomblecista: É, você percebe quando você vê um, eu não to falando um tipo de crítica nem intolerância não. É uma coisa tão padronizada que você vê os evangélicos conversando que acontece isso (...) parece que é necessidade de exibir a força.

Católico 3: O que eu já vi que possa ser um ato de intolerância (...) tipo assim eu tava na igreja evangélica por sinal e o som tava alto, então o pastor falando, mas é assim, aqui é a igreja, e do lado tem uma casa atrás casa... e o pessoal reclamava muito porque o som tava alto e ia até dez horas, onze horas e tal... então um vizinho reclamando jogou uma pedra no telhado, aí o pastor ao invés de tomar uma posição sábia de sair , ou ele abaixa ou ele conversa ele disse: “os inimigos querem me perturbar, vamos aumentar mais”, então pra mim foi um ato de intolerância mais dele do que das pessoas que atiraram a pedra.<sup>25</sup>

Em um dos encontros recebemos a visita de um ex-batista<sup>26</sup>, que fez questão de enfatizar suas vivências relacionadas à intolerância religiosa. Segundo Elias Alexandre “o conhecimento faz você ser um pouco mais flexível”. Ou seja, segundo ele, em concordância com o grupo de estudos, uma forma de se buscar justiça social através da tolerância seria conhecendo a religião do outro para respeitá-la. Este convidado destacou:

Algumas coisas não concordo. Como quando estou andando com algum amigo evangélico e passa alguém com roupa do candomblé ou de alguma outra religião afro e eles falam bem baixinho: “tá repreendido em nome de

<sup>25</sup> Transcrição do encontro do dia 27 de agosto de 2015

<sup>26</sup> Agradecemos a Elias Alexandre pela visita no dia 18 de julho de 2015. Ele não é morador de Xerém.

Jesus”. Eu falo “já pensou se discriminam você por estar andando com uma bíblia debaixo do braço e falam sarava, ou outra coisa? Você iria gostar?”<sup>27</sup>

Vale ressaltar que faz parte da história do cristianismo, relatos de perseguições por intolerância, visto que, enquanto o Império Romano não oficializou essa como religião oficial, esta forma de violência era comum. Além disso, no caso do protestantismo, esse fato se agrava, pois, (antes, durante e depois de seu surgimento) além de ser perseguido pela igreja católica na Europa, no Brasil só pôde exercer, de fato, seus cultos de forma aberta em finais do século XIX<sup>28</sup>.

Inúmeros casos de intolerância religiosa, não param de crescer no Brasil<sup>29</sup>, principalmente no Rio de Janeiro, visível em costumes que, podem parecer ingênuos, mas, quando não combatidos em sua fase embrionária, geram incidentes maiores.

Elias: (...), por exemplo, quando você está numa roda de conversas e diz que é homossexual e o outro fala “nada contra” ué? É necessário isso? Você já está demonstrando seu preconceito aí.

Você não pode ter vergonha de andar com a bíblia debaixo do braço, assim como não pode ter vergonha de andar de branco ou com abada, e equeté...

Tipo seria muito estranho se o cara tá andando na rua e falar “sou cristão” e o outro dizer: “tá repreendido em nome do meu santo”...

Candomblecista: Qualquer religião existe aquela coisa, o teu sagrado. Mas as pessoas tem que conhecer, não tem que ficar relacionando o candomblé como religião do diabo, aquelas coisas, mas também eu não tenho que ficar escondida porque eu sou (...). Todo mundo sabe que eu me assumo como candomblecista e eu sou muito respeitada aqui...

Através das apresentações dos roteiros dos ritos pelos participantes e membros, observou-se que eles possuem estruturas bem distintas, todavia, havia elementos em comum, como resumido na fala de outro visitante: Pedro

<sup>27</sup> Transcrição do encontro realizado no dia 18 de julho de 2015.

<sup>28</sup> Apesar do diálogo inter-religioso não ser novidade no Brasil, ele já ocorre há algum tempo, curiosamente por iniciativa de quem o mais reprimiu: a Igreja Católica.

<sup>29</sup> Com relação a outros casos no Brasil e na América Latina, principalmente causados por pentecostais ver: SILVA (2007) e MARIANO (1999).

Tiago<sup>30</sup>. Ao apresentar seus estudos sobre a filósofa Edith Stein, ele ressaltou que a ideia de “transcendentalidade” de Deus é confrontada pela imagem de Deus no outro (STEIN, 2011), desta forma “se percebe Deus no outro e não de forma apenas transcendental, observa-se que todas as religiões caminham da mesma forma com o mesmo fim, a busca da felicidade plena”<sup>31</sup>

Fato parecido foi citado em encontros anteriores, quando levantou-se a questão das formas de atuação e onipresença do Espírito Santo, na visão do cristianismo. Ou seja, se o Espírito Santo está em toda parte, por que não está num terreiro? Ou algum cristão tem a pretensão de cometer um dos maiores pecados que é limitar a atuação do Espírito Santo?

#### 4. Considerações Finais

Ao longo do trabalho foi apresentado um apanhado histórico, relatos atuais e discussões sobre intolerância religiosa. Observou-se que a dinâmica do grupo *Templo Cultural* presa pela participação ativa de todos os participantes, uma vez que as reuniões são direcionadas conforme suas ideias.

A partir da análise da paisagem sonora, através do diálogo foi possível compreender diversas características das crenças presentes no grupo, ajudando com isso, a evitar falas e atitudes preconceituosas pelo fato de não conhecer o credo do outro. Entretanto, a pesquisa, debruçou-se também no conceito de trabalho acústico que vai além da percepção da paisagem sonora, tendo muito a revelar e contribuir para a análise de atos de intolerância, visto que, ultrapassa a investigação puramente sonora, levando em consideração outros aspectos da cultura local.

Por fim, observou-se que, apesar dos poucos casos de intolerância religiosa apresentado, através de uma abordagem que utiliza o som como ponto de partida para se aprofundar em questões mais complexas pode ser possível evitar (mesmo que ainda de forma preliminar) que se desenvolvam casos na região, onde a “música” pode ser instrumento de reconciliação ou mesmo interação entre as diferenças.

---

<sup>30</sup> Agradecemos a Pedro Tiago por permitir que sua fala contribuísse para esse texto.

<sup>31</sup> Transcrição da fala de Pedro Tiago no dia 10 de setembro de 2015.

## 5. Referências

**ARAÚJO, Flavio. Menina iniciada no candomblé é apedrejada na cabeça por evangélicos.** Disponível

em:<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/06/menina-iniciada-no-candomble-e-apedrejada-na-cabeca-por-evangelicos.html>> Acesso em: 2/09/2015.

**ARAÚJO, Samuel. “A violência como conceito na pesquisa musical. reflexões sobre uma experiência dialógica na Maré”. Rio de Janeiro. Revista Transcultural de Música**10. 2006.

\_\_\_\_\_ 1999. “Brega, Samba e trabalho acústico: variações em torno de uma contribuição teórica à Etnomusicologia”. Revista Opus. n 06.

**ATTALI, Jacques. Noise: The Political Economy of Music.** Minneapolis. University of Minnesota Press. 1985.

**CAMBRIA, Vincenzo. Music and violence in Rio de Janeiro: a participatory study in urban ethnomusicology.** Tese de doutorado. Wesleyan University. Middletown, Conecticut. 2012.

**CANDURU, Roberto. “Das casas às roças: comunidades de candomblé no Rio de Janeiro desde o fim do século XIX”. Topoi, v. 11, n. 21, jul.-dez. 2010, p. 178-203.**

**CHEREN, Ubiratan Cruz. Capela de Santa Rita da Posse: História, Cadeia Sucessória e Descrição Arquitetônica.** Revista Pilares da História, ano 3, nº 5, maio/ 2005. **FRANCO, Maria Amélia Santoro. “Pedagogia da Pesquisa-Ação”. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.**

**FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo Paz & Terra, 1996.

**G1 Rio. RJ registra mil casos de intolerância religiosa em 2 anos e meio.** Disponível em:<

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/08/rj-registra-mil-casos-de-intolerancia-religiosa-em-2-anos-e-meio.html>> Acesso em: 2/09/2015.

**G1 Rio. Criança é vítima de intolerância religiosa no Rio.** Disponível em:<<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/crianca-e-vitima-de-intolerancia-religiosa-no-rio.html>> Acesso em: 2/09/2015.

**KINCHELOE, Joe L. A formação do professor como compromisso político. Mapeando o pós-moderno.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

**LOPES, Artur Costa.** “A utilização do pandeiro nas igrejas protestantes de Duque de Caxias: um debate contraditório”. Anais da In: VI Seminário Nacional de História Política, Conflitos e Identidades na Modernidade Política, Cultura e Sociedade, Rio de Janeiro. UERJ, 2014. p. 426-436.

**MARIANO Ricardo.** “Pentecostais em ação: A Demonização dos Cultos Afro Brasileiros.” In: **SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). Intolerância religiosa. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro.** São Paulo: Ed. USP, 2007

**PIBEX.** Disponível em:<<http://pibxerem.weebly.com/>> Acesso em: 2/09/2015.  
**Dossiê Intolerância Religiosa. CPI contra intolerância religiosa é reivindicada em audiência** Disponível em:<<http://intoleranciareligiosadossie.blogspot.com.br.>> Acesso em 2/09/2015  
**SANT’ANNA, Emilio. A cada 3 dias, governo recebe uma denúncia de intolerância religiosa.** Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1648607-a-cada-3-dias-governo-recebe-uma-denuncia-de-intolerancia-religiosa.shtml>> Acesso em: 2/09/2015.

**Museu Vivo do São Bento.** Disponível em:<<http://www.museuvivodosoabento.com.br/exposicoes/xerem-lugar-de-memoria>> Acesso em: 2/09/2015.

**SANTOS, Climério de Oliveira dos.** “Forró x Forró: discursos, polarizações e diversidade num campo musical”. Pg. 676-686. Anais do II SIMPOM 2012

**SCHAFER, Murray R. A afinação do mundo.** São Paulo. UNESP. 1991

**SILVA, Clemildo A. RIBEIRO, Mario B. Intolerância religiosa e direitos humanos.** Porto Alegre, Editora Sulina, Editora Universitária Metodista, 2007



**SOUZA, Marlucia Santos de. Escavando o passado da história da cidade: História política da cidade de Duque de Caxias. Dissertação de Mestrado. Niterói. UFF, 2002**

**STEIN, Edith. A Ciência da Cruz. São Paulo: Edições Loyola, 2011.**

**THIOLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez. 1998.**

**VILLELA, Flávia. Muçulmanos estão entre as principais vítimas de intolerância religiosa no Rio. Disponível**

**em:<[http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-](http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-08/mulcumanos-estao-entre-principais-vitimas-de-intolerancia-religiosa)**

**08/mulcumanos-estao-entre-principais-vitimas-de-intolerancia-religiosa>**

**Acesso em: 2/09/2015.**